



Revista

Da Cultura

Ano XII – Nº 21 – Maio de 2013 – ISSN 1984-3690

Impresso Especial

9912292891/2012/DR/RJ

FUNCEB

...CORREIOS...



Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana

Um Exército de Voluntários ■ Entrevista com o Chefe do DECEX ■ A Verdade e a História
Fernando de Noronha: uma Ilha de Defesa e a Defesa da Ilha
Ponte Rio-Niterói – Um Marco em nossa Engenharia ■ A Origem do Projeto Rondon

Fernando de Noronha:

uma ilha de defesa e a defesa da ilha

MARCOS ALBUQUERQUE

FORTE DE SANTA CRUZ DO PICO

Ao pé do Moirão do Pico deve ter havido o Forte de Santa Cruz do Pico. Hoje nada mais resta, salvo fragmentos de cerâmica. Uma pesquisa arqueológica poderia resgatar informações importantes de sua existência.

O Arquipélago de Fernando de Noronha encontra-se intrinsecamente relacionado ao subsistema de defesa, desde os primeiros tempos da colonização do Brasil. Sua posição geográfica favoreceu a sua ocupação pelo fato de se encontrar em pleno oceano Atlântico, como uma “posição avançada” do Saliente Nordeste.

O conhecimento do arquipélago por parte dos europeus data praticamente do início das grandes expedições de conquista, encetadas pela expansão do sistema colonial europeu. No

mapa de Cantino, de 1502, o arquipélago já se encontra registrado com o nome de Quaresma. Gonçalo Coelho, em 1503, perde a sua nau capitânia nas águas no entorno daquelas ilhas, acidente semelhante aos que viriam a ocorrer também com outras embarcações, em tempos posteriores.

No ano de 1504, o fidalgo Fernão de Loronha recebe do rei de Portugal o arquipélago que passa a se constituir na primeira Capitania Hereditária do Brasil. Esta doação decorreu do fato de Fernão de Loronha ter financiado a expedição explorató-



FORTE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Foto acima: Vestígios construtivos em processo de degradação.

Foto abaixo: Canhão abandonado como se ainda quisesse cumprir a sua missão.





FORTE DE SANTO ANTÔNIO

Foto acima: Mesmo sendo um dos fortes relativamente bem cuidados, observe-se o seu estado. Foto abaixo: Vegetação brotando em suas paredes acelera a sua desagregação.



ria de 1503. Nasce daí, portanto, a denominação Ilha de Fernão de Loronha e, por fim, Ilha de Fernando de Noronha, nome que se estende ao arquipélago. Todavia, a Capitania não prosperou.

O conhecimento daquelas ilhas não ficou apenas entre os portugueses. Outros povos europeus também se mostravam ávidos por terras em “além-mar”. A conquista de novas terras, de novas fontes de riqueza, constava dos objetivos de outras nações que integravam o sistema europeu, neste período de expansão. Os franceses, que realizaram várias tentativas de ocupação do território que viria a ser Brasil, não deixaram de costear Noronha, quando entre 1556-1558 se dirigiam ao Rio de Janeiro. Ainda os franceses, já em 1516, haviam tentado ocupar o litoral nordestino, nas cercanias do porto de Pernambuco e próximo ao local em que Cristóvão Jaques havia implantado uma Feitoria



FORTE DE SÃO JOAQUIM DE SUESTE

Este significativo ponto estratégico apresenta poucos vestígios de sua existência. Encontra-se praticamente no abandono.

Régia para servir de entreposto comercial, voltado sobretudo à estocagem do pau brasil. Um local estratégico situado nas margens do Canal de Santa Cruz, em frente à parte sul da Ilha de Itamaracá. Pouco mais tarde, naquele ponto, desembarcaria o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho e sua esposa D. Brites de Albuquerque Coelho, que dariam início à colonização, com a fundação, no continente, da Vila de Igarassu e, mais além, da sede da Capitania, a Vila de Olinda. As novas Vilas deslocaram o centro de atenções da colônia, e a Feitoria praticamente foi abandonada, perdendo-se no tempo as indicações de sua localização. Somente a partir de uma escavação arqueológica realizada por este autor, na década dos anos 60, foi possível reconstituir-se o local da Feitoria. Este foi, inclusive, um dos primeiros trabalhos de arqueologia histórica realizados no Brasil.

Noronha também foi “visitada” pelos ingleses em 1577, notadamente por Sir Francis Drake, figura



FORTE DO BOM JESUS DO LEÃO

O autor juntamente com Maurício Barbosa, fiscal do ICMBio, aproximando-se das ruínas do Forte do Bom Jesus do Leão.



FORTE DO BOM JESUS DO LEÃO

Por incrível que possa parecer, no interior deste matagal encontra-se vestígio do Forte do Bom Jesus do Leão.



FORTE DO BOM JESUS DO LEÃO

Apenas após um trabalho de limpeza técnica seria possível o planejamento de uma escavação arqueológica objetivando o entendimento desta Unidade de Defesa:



FORTE DE SÃO JOSÉ

Pela dificuldade de acesso, esta fortificação apresenta ainda algumas de suas paredes em pé, apesar de bastantes deterioradas. Urge uma pesquisa arqueológica e a consolidação de suas ruínas.

controvertida, que recebeu da Rainha Elisabeth I condecoração no grau de Cavaleiro, em 1581. Pirata, corsário e grande navegador, herói inglês e vilão para a Espanha, que colocou sua cabeça a prêmio. Uma das razões para a Espanha detestá-lo foi ter derrotado a “invencível armada” espanhola.

Alemães também desembarcaram na Ilha de Noronha, que era frequentada como aguada, e para refresco dos marinheiros, servindo muitas vezes como local em que eram deixados os enfermos (possivelmente escorbuto). Portugal, tomando conhecimento dos seus “frequentadores” se dispõe, em 1619, a vigiá-la, mas ainda de modo não muito eficaz.

Com a união dos Reinos Ibéricos, o comércio do açúcar do Brasil ajustado entre portugueses e holandeses foi interrompido, em face da tradicional rivalidade da Espanha com a Holanda. Visando retomar seu mercado e, mais ainda, assumir a produção do açúcar no Brasil, os holandeses se dispuseram a ocupar o Brasil. O nordeste do Brasil, grande produtor de açúcar, foi o alvo holandês. Neste panorama, a ilha de Fernando de Noronha foi também ocupada pelo efetivo holandês, no período compreendido entre 1629 e 1654, quando os holandeses finalmente deixaram o Brasil, após a derrota nas duas batalhas de Guararapes.

Ao longo do tempo e em decorrência dos vários assédios, diferentes denominações foram atribuídas à Ilha:

Quaresma, Fernando de Noronha, Dauphine, Pavônia, dependendo de quem a ocupava ou por ela se interessava, o que bem pode ser observado na cartografia coeva.

Em 1736, os franceses voltam a se interessar pela Ilha, ali permanecendo por dois anos. Apenas em 1737, Portugal toma medidas efetivas para ocupar definitivamente a Ilha de Fernando de Noronha. Esta ocupação, do ponto de vista militar, constituiu-se em um dos mais complexos sistemas defensivos conhecidos no Brasil no Século XVIII. Não se tratava de fortificações isoladas, mas sim de um verdadeiro sistema de defesa. A disposição dos fortes, concebida pelo engenheiro militar Diogo da Sylveira Vellozo, objetivava a cobertura de todos os pontos possíveis de desembarque. Não apenas tendo como alvo navios inimigos, mas também a cobertura de tiro contra tropas que porventura tivessem atingido a praia.

A equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE se encontra desenvolvendo um trabalho de reconhecimento da área, inclusive estudando a cobertura balística de todas as canhoneiras dispostas nas muralhas das fortificações. Ressalte-se o caso de algumas canhoneiras da Fortaleza de Nossa Senhora dos Remédios, que foram dispostas voltadas diretamente para a Vila, de modo a garantir reação, no caso de uma ocupação inimiga da sede.

O projeto defensivo de Fernando de Noronha, elaborado por Diogo da Sylveira Vellozo, não priorizava apenas os pontos vulneráveis a defender. Preocupava-se também com a logística,



FORTE DE SÃO JOSÉ

Vestígios de sua ocupação encontram-se apodrecendo nas imediações.



FORTE DE SÃO JOSÉ

Árvores de porte abraçam suas muralhas. Apenas uma retirada técnica não aumentaria o dano já causado pela ação de negligência.

indispensável ao correto funcionamento do sistema. Os fortes eram interligados por um sistema viário, construído em pedras que, embora bastante danificado, ainda pode ser visto nos dias atuais.

No mapa de José Fernandes Portugal, de 1798, pode-se observar não apenas a localização dos fortes como também o sistema viário, as hortas, os açudes para captação de água doce, e ainda a presença das olarias, indispensáveis para a edificação



FORTE DE SÃO PEDRO DO BOLDRÓ

Turistas pisoteiam as ruínas do Forte do Boldró para apreciarem um exuberante pôr do sol. A arqueóloga Miriam Cazzetta já colocou por diversas vezes uma cerca para proteger as ruínas e que frequentemente é derrubada. Não se deve privar a visualização da paisagem, mas urge encontrar uma forma de compatibilizar as duas atividades com a criação de um mirante nas proximidades.

FORTE DE SÃO PEDRO DO BOLDRÓ

A vegetação ocupa as ruínas ainda existentes.



da Vila e das demais obras. Não foi um projeto leviano. Não se pode pensar na colocação estratégica de um ponto fortificado sem que seja devidamente pensada a logística para que o mesmo possa se tornar efetivamente operacional. A Ilha, em caso de cerco, poderia oferecer suprimento pro-teico abundante para seus ocupantes, entretanto outros elementos são tão importantes para a dieta alimentar como os hidratos de carbono e as gorduras, razão pela qual o projetista pensou na implantação de hortas capazes de complementar a dieta alimentar de seus ocupantes. Por outro lado, de que adiantaria uma dieta de proteínas e hidrato de carbono caso faltasse água potável, razão pela qual os açúcares também foram projetados.

Noronha constitui-se em um verdadeiro laboratório para o estudo de um sistema defen-

sivo e, lamentavelmente, encontra-se em estado deplorável, a despeito dos constantes esforços da arqueóloga Miriam Cazzetta, que vem desenvolvendo uma luta quase quixotesca, sem que consiga motivar efetivamente as autoridades competentes.

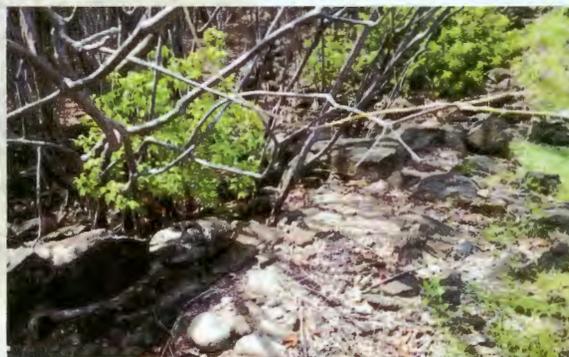
Se hoje a Ilha de Fernando de Noronha é bastante visitada por curiosos, aventureiros, mergulhadores, amantes da natureza, outrora personagens ilustres também a visitaram além de corsários e piratas. Debret, Charles Darwin, Frei Claude d'Abeville também tiveram a oportunidade de visitar a Ilha. Além de cientistas e artistas, a Ilha sempre teve uma vocação multi-facetada. Colônia correcional, recebeu ciganos e capoeiristas, revolucionários da Farroupilha, serviu de presídio político da União (1938), acolheu empresários como ingleses da South American Cables Ltd., franceses com os cabos submarinos, italianos com a Italcable, ainda franceses com a Companhia Générale Aéropostale que foi antecessora da Air France; americanos, com um posto de observação de mísseis teleguiados (1957), e tantos outros visitantes ou ocupantes. O fato é que a Ilha foi, e ainda é, um foco de interesse de brasileiros e estrangeiros que a procuram. Ofereceu e ainda oferece atrativo para as mais diferentes categorias de interesses. Nos dias atuais, comportando o Parque Nacional Marinho Fernando de Noronha e a Área de Preservação Ambiental (APA de Fernando de Noronha), atrai uma grande quantidade de cientistas e de turistas de todo o mundo, tendo no ICMBio um grande aliado na sua conservação, preservação e pesquisa.

A ocupação humana da Ilha de Fernando de Noronha, desde os primeiros viajantes, deixou um rastro de informações textuais, de mapas, de construções, e de lendas, muitas



FORTE DE SÃO PEDRO DO BOLDRÓ

Por quanto tempo espera-se que estas ruínas não sejam completamente destruídas?



FORTE DE SÃO PEDRO DO BOLDRÓ

Os vestígios das muralhas estão sendo destruídos pela vegetação invasora.

REDUTO DE SANTANA

Parte da equipe do Laboratório de Arqueologia reunida com a arqueóloga Miriam Cazzetta, definindo a estratégia a ser adotada em um dos baluartes do Forte de Santana.





REDUTO DE SANTANA

Ocupação de um dos baluartes do Forte de Santana pelo Bar do Cachorro



REDUTO DE SANTANA

Outro ângulo da ocupação do baluarte pelo Bar do Cachorro. Defendemos a utilização dos monumentos, como temos inúmeros exemplos positivos em vários países, inclusive no Brasil, apenas que de forma planejada.



FORTE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

das quais vem de forma acelerada se perdendo nas brumas do tempo. Encontra-se, do ponto de vista documental, trabalhos de cartógrafos e de pesquisadores que registraram suas experiências, entretanto muitos elementos materiais da cultura estão se perdendo irremediavelmente, e poderão vir a desaparecer, caso não se consiga, em caráter emergencial, reverter o quadro atual. Cada vez mais a Ilha é visitada por turistas de todas as partes do mundo. A ocupação humana cresce, embora haja um controle de permanência dos visitantes, os ilhéus constituem famílias que se multiplicam e necessitam de espaço que, pela própria natureza, já é limitado. O afluxo de visitantes exige modificações estruturais para o seu acolhimento, como restaurantes, pousadas e demais estruturas compatíveis com este tipo de utilização. Embora seja desejável que haja uma visita consciente deste espaço, patrimônio natural da humanidade, tombado pela UNESCO, em 2001, é necessária a implantação de uma política de preservação e salvamento do patrimônio arqueológico, antes que não haja mais condições de sua implementação. Faz-se necessário que a velocidade dos gestores supere a dos fatores de destruição deste patrimônio. Embora esta problemática, até aqui apresentada, refira-se a todo o patrimônio da Ilha que se encontra ameaçado, nos deteremos neste artigo no sistema defensivo da Ilha de Fernando de Noronha. E, mesmo assim, de uma forma genérica, esperando em próximos artigos termos a oportunidade de proporcionar um detalhamento maior, caso venha a ser desencadeado um processo acelerado de estudo e preservação de seus monumentos. A equipe do Laboratório de Arqueologia da UFPE, detentora de uma vasta



FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Acima: Um dos remanescentes do Sistema de Defesa da Ilha de Fernando de Noronha que ainda se encontra em melhor estado de conservação.

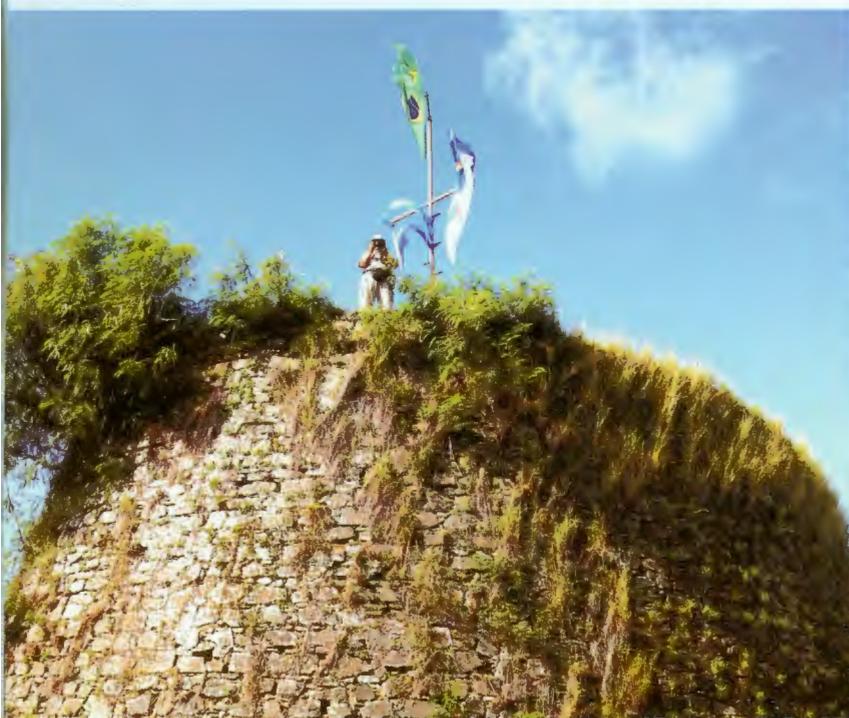
FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Abaixo: Entrada principal da Fortaleza.





FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS
Parte da equipe do Laboratório de Arqueologia documenta as ruínas em um trabalho de reconhecimento.



FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS
A vegetação invasora age implacavelmente em todas as posições da Fortaleza. A sua ação desagregará as estruturas caso não seja tomada providências imediatas.

experiência no estudo de unidades de defesa, tem todo interesse em contribuir para o melhor entendimento e preservação deste patrimônio. Temos certeza de que teremos aliados, entretanto, a velocidade da estrutura pública brasileira tem se constituído em um grande óbice para a consecução destes objetivos que transcendem, ou devem transcender, interesses de grupos de pesquisa ou de partidos políticos, pois se trata de objetivos voltados para a defesa da memória nacional.

No momento, a Superintendência do IPHAN/PE está realizando um trabalho de consolidação das muralhas como também de algumas paredes internas da Fortaleza de Nossa Senhora dos Remédios. Existem indicações de que o forte implantado pelos holandeses se encontrava no local em que, posteriormente, foi edificada aquela Fortaleza. Acreditamos que não seria difícil se elucidar esta dúvida, bem como resgatar informações sobre esta fortificação holandesa. Na Fortaleza dos Remédios podem ser observados, engastados em algumas paredes, tijolos de origem holandesa. Certamente a presença de tais tijolos não necessariamente significa que aquelas paredes remontem ao forte holandês primitivo. Pode apenas remeter à presença de material de origem holandesa nas proximidades, e que teria sido reaproveitado quando da construção da Fortaleza dos Remédios.

Em uma analogia com a área médica temos defendido, tanto em aulas, em conferências e por escrito, que a restauração de um monumento sem a prévia pesquisa arqueológica assemelha-se a uma cirurgia sem os exames prévios que asseguram ao cirurgião o caminho a seguir. As modificações ocorridas em um monumento, o seu cotidiano constituído de informações que não necessariamente foram

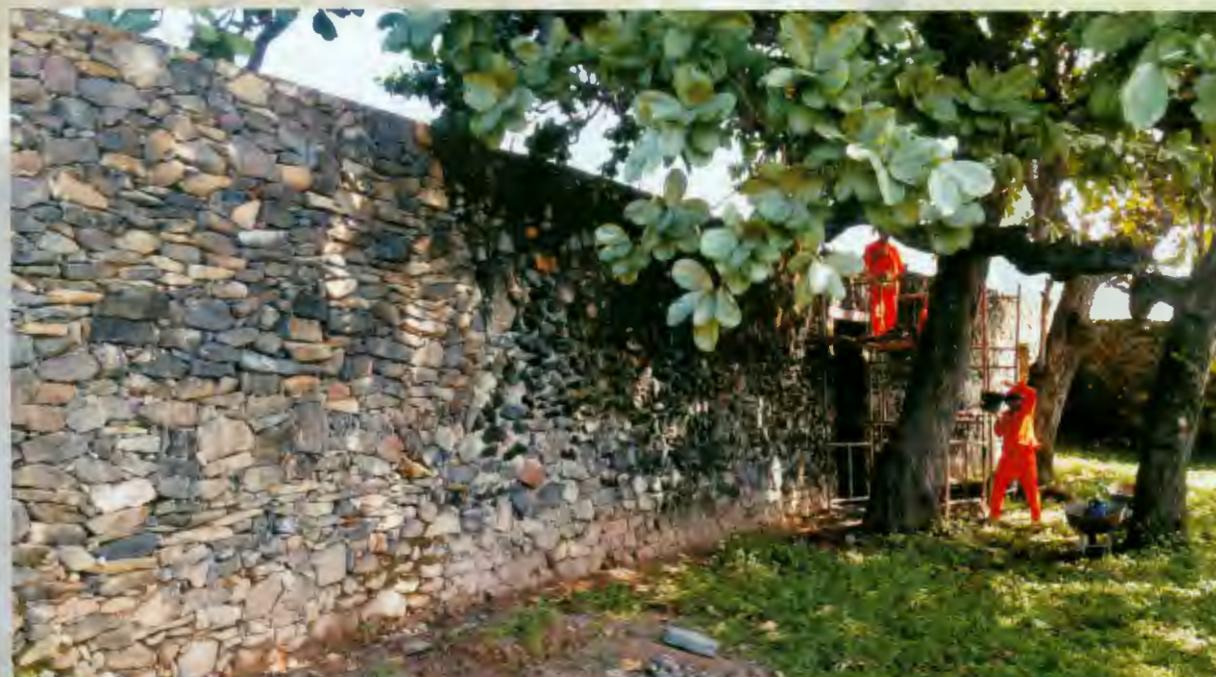


FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Uma pesquisa arqueológica nesta fortificação poderá trazer informações importantes quanto ao primitivo forte de origem holandesa.

FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

Uma das paredes sendo consolidada com o acompanhamento do IPHAN/PE. Observa-se a porção recomposta.





FORTE DE SÃO JOÃO BATISTA DOS DOIS IRMÃOS

Muitas das estruturas aparentes do Forte de São João Batista dos Dois Irmãos são perceptíveis a um especialista, entretanto podem passar despercebidas ao visitante comum.



FORTE DE SÃO JOÃO BATISTA DOS DOIS IRMÃOS

Existem de forma vestigial bases de canhão em forma trapezoidal.

regis-tradas pela história, são resgatadas pela arqueologia. Esta analogia não apenas seria aplicada aos monumentos existentes na Ilha de Fernando de Noronha, mas aplicar-se-ia a qualquer monumento que esteja para ser submetido a um processo de consolidação ou restauro.

A Ilha de Fernando de Noronha constitui-se em um “laboratório” para o estudo e entendimento de um sistema de defesa complexo. Defesa não apenas em período mais recuado temporalmente, mas a períodos mais recentes, como por ocasião da II Guerra Mundial, onde a Ilha foi ocupada por tropas brasileiras e americanas. A posição estratégica da Ilha, no meio do Atlântico, serviu também para observações de mísseis teleguiados e interposto para o subsistema de comunicação. O estado em que estes remanescentes de nossa memória se encontram clama por algumas perguntas dirigidas as autoridades e, sobretudo, ao povo brasileiro: o que se quer ou se pretende fazer com relação a este testemunho de nossa História? De quem será a responsabilidade para com as gerações futuras, quando nada mais restar destes testemunhos da nossa História? A quem o futuro responsabilizará?

O trabalho de reconhecimento

na área de Fernando de Noronha, que está sendo desenvolvido por nossa equipe, visa efetuar um levantamento do estado atual e potencialidade arqueológica dos remanescentes dos sucessivos sistemas de defesa do Arquipélago, que permita se traçar um quadro das atuais condições, e propor ações voltadas à sua preservação. A nossa Equipe, apesar de estar envolvida com vários trabalhos simultaneamente, encontra-se em situação de “pronto emprego”. Os poucos “aliados” que temos têm disposição, porém lhes falta



ESTRUTURAS NORTE AMERICANAS

Alojamentos implantados pelos norte americanos, conhecidos como “Iglus”.

ESTRUTURAS NORTE AMERICANAS

Detalhe de um Iglu em péssimo estado de conservação. Alguns destes Iglus estão sendo ocupados por parte da população local. Encontram-se em péssimo estado de conservação.



“munição”. Com base nos resultados obtidos até o momento, optamos por não descrever detalhadamente cada ponto fortificado, esperando um dia poder fazê-lo, como já o fizemos com diferentes fortificações que escavamos. Optamos por apresentar uma comprovação fotográfica do

atual estado deste patrimônio, na esperança que o mesmo venha a ser efetivamente estudado e protegido, pois, acreditamos que uma sociedade que não conhece seu passado não tem perspectiva de futuro. Defendamos o patrimônio defensivo da Ilha de Fernando de Noronha.

Referências

- A Ilha de Fernando de Noronha: Notícia histórica, geographica e econômica, mandada publicar pelo Exmo. Sr. Presidente da Província de Pernambuco, Dr. Pedro Vicente de Azevedo. Recife: Tipographia de ManoelFigueiroa de Farias&Filhos, 1887.
- ABBEVILLE, Claude d' Fernando de Noronha. In *História da Missão dos padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Trad.de Sergio Milliet São Paulo Martins, 1950. Tradução do original editado em Paris,1614.
- ALBUQUERQUE, Cel. Alexandre de Barros e. Relatório sobre as fortificações. 1877.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Assentamentos militares: Uma perspectiva em abordagem. Conferência Internacional de Arqueologia histórica Americana, 2º, 16-20X. 1995, Santa Fé, Argentina. Atas I. Columbia, S. C. USA, the University of South Carolina. 1995, V. 14, p. 19-38.
- _____ Perspectiva da Arqueologia Histórica no Brasil. In: Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB, 6., Rio de Janeiro, Anais... Rio de Janeiro: SAB/CNPq, 1992. v.2, p.508-515.
- _____ Arqueologia Histórica, Arquitetura e restauração. *Revista CLIO - Série Arqueológica*, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, UFPE, volume 1 - número 8, 1992, p.131-151.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda; WALMSLEY, Doris. *Fortes de Pernambuco: imagens do presente e do passado*, Recife: Graftor, 1999. 204 p., il.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Arqueologia Histórica e Restauração de Monumentos, *Boletim do Depto de História*, n.1. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1976, p.58-61.
- ADONIAS, Ilsa. *A Ilha Fernando de Noronha*. Rio de Janeiro: Spala; São Paulo:FENENGE,1987 212p. il.(Série Brasil).
- ALMEIDA, Fernando Flavio Marques de. Geologia e Petrologia do Arquipélago de Fernando de Noronha. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Divisão de Geologia e Mineralogia, 1958. 181p. (Monografia, 13)
- AMORIM, Anibal. *História das fortificações do Brasil*. Boletim do Estado Maior do Exército, abril/maio, 1916.
- ARAGÃO,Jose Campos de. *Guardando Céu nos Trópicos: Ilha de Fernando de Noronha*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército,1950. 165 p.
- BARRETO, Anibal. *Fortificações do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.
- BOOGAART, Ernestvanden et al. *Viver e Morrer no Brasil Holandês*. Organizado por Marcos Galindo Recife: Massangana, 2005. 248p.
- CALMON, Pedro. *Historia do Brasil*.2.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1963. VI
- CANEPPA, Ten.Cel. Victorio. *Relatório do Presídio de Fernando de Noronha apresentado pelo Senhor 1º Ten. Victorio Canepa ao Presidente da República*. Rio de Janeiro, agosto, 1938.
- CANEVA, Antonio de. *ilha de Fernando de Noronha vanguarda do território brasileiro na 2ª grande guerra mundial*. O Expedicionário, Rio de Janeiro, Ex-Combatente.
- CASAL, Padre Aires de. *Coreografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica ou Reino do Brasil*. São Paulo: Cultura, 1943. (serie Brasílica, v. 2,1,2).
- CARVALHO, A. *Império e Republica ditatorial*. Rio de Janeiro Imprensa MontAlverne, 1891.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Geografia do Brasil Holandês*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1956 303p. (Documentos brasileiros, v 79)ª
- CAZZETTA, Miriam. Caminhos do tempo humano - Vila dos Remédios Setecentista In: *Arquipélago Fernando de Noronha. O paraíso do vulcão*, p. 106-109. São Paulo: Terra Virgem, 2003.
- _____ Paisagem e Passagens no Arquipélago Fernando de Noronha In: I Fórum Luso-Brasileiro de Arqueologia Urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.
- COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *A Ilha de Fernando de Noronha: notícia histórica, geográfica e econômica*. Recife, 1887. 117p.
- _____ *Anais Pernambucanos*. 2.ed. facsimilada da edição de 1951. Recife: FUNDARPE,1983. (Coleção Pernambucana, 10ª).
- COUTTO, dom Domingos do Loreto. *Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco*. Ed.fac-similada da edição de 1904. Recife: Fundação de Cultura Cidade Recife, 1981. (Coleção Recife, V 11).
- CUNHA, Marcio Werneck; LIMA, Haroldo Cavalcante. *Viagem à Terra do Pau Brasil*. Rio de Janeiro: Ag. Brasileira de Cultura 1992.
- DUARTE, Paulo Queiroz. *O Nordeste na II Guerra Mundial*.São Paulo: Record. 1971.
- EXPOSIÇÃO Cartográfica Fernando de Noronha 500 anos - Sítio do Patrimônio Mundial Natural. MCB (coord.). RENCNTAS, s/d.
- GUIMARAES, Ayrton Viana Alves. *Do Teatro ao Teatro de Guerra Caminhos e descaminhos de um pracinha pernambucano na Segunda Guerra Mundial* Recife: Gráfica e Editora do Nordeste, 2001 136p.
- GALINDO, Marcos (Org.). *Viver e Morrer no Brasil Holandês*. EditoraMassangana, 2005.
- IMBIRIBA, Major Mário Fernandes. *Relatório Militar*, Rio de Janeiro, agosto,1946.
- LEAL, Cel. Antonio Gomes Leal. *Relatório sobre o Presídio de Fernando de Noronha*. *Revista do Instituto Archeologico e Geográfico Pernambuco*, nº27. Recife,1887.
- SILVA, Marieta Borges Lins, *Fernando de Noronha: cinco séculos de história*. Recife: CELPE, 2007. 300p. : il. - (Coleção "Cadernos Noronhenses"; v. 1) Inclui bibliografia.

MARCOS ALBUQUERQUE

É natural da Cidade do Recife
Arqueólogo e Historiador
Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE
Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército
Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Membro da Academia de História Militar do Paraguai
Membro da Academia de Artes, Letras e Ciência de Olinda